

O DEBATE LITERÁRIO E INTELLECTUAL LATINO-AMERICANO NA PRODUÇÃO DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

*THE LATIN AMERICAN LITERARY AND INTELLECTUAL DEBATE IN THE
PRODUCTION OF JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI*

Bernardo Soares Pereira ¹
Instituto Federal de São Paulo, Brasil

Resumo: o presente artigo tem como objetivo analisar parte da obra de José Carlos Mariátegui, em especial sua reflexão acerca da questão nacional, através das contendas literárias e intelectuais em que autor esteve envolvido. Nesse sentido, serão valorizados não somente seus textos, como também o diálogo existente entre seus contemporâneos e, além disso, o debate existente na intelectualidade latino-americana que o precedeu, inserindo a obra do autor dentro de um contexto mais amplo do pensamento social latino-americano, a fim de ressaltar tanto o caldo político e cultural no qual esteve submerso quanto identificar o impacto de sua contribuição naquela época.

Palavras-chave: Mariátegui; Intelectualidade Peruana; Questão Nacional; Pensamento Latino-Americano.

Abstract: This article aims to analyze part of the work of José Carlos Mariátegui, especially his reflection on the national question, through the literary and intellectual debates in which the author was involved. In this sense, not only will his texts be valued, but also the existing dialogue between his contemporaries and, in addition, the debate existing in the Latin American intelligentsia that preceded him, inserting the author's work within a broader context of Latin America social thought in order to emphasize both the political and cultural background in which he was submerged and to identify the impact of his contribution at that time.

Keywords: Mariátegui; Peruvian Intellectuality; National Question; Latin American Thinking.

1 INTRODUÇÃO

Nota-se, nos últimos anos, um aumento no interesse sobre a vida e obra de José Carlos Mariátegui no Brasil, que pode ser percebido tanto em recentes traduções de obras do autor quanto no surgimento de um razoável número de pesquisas a seu respeito. Embora ainda envolto nos mistérios que rodeiam aqueles que são conhecidos mais pelo nome do que pela obra, já não é raro encontrar referências ao peruano, seja na academia, seja em movimentos sociais. Nesse artigo, tentando contribuir para a divulgação do autor no país, buscaremos trazer

¹ Professor EBTB de História do Instituto Federal de São Paulo e Mestre em História na Universidade Federal Fluminense.

à tona o que acreditamos ser um dos aspectos centrais de seu pensamento: o debate em torno da questão nacional, priorizando as contendas intelectuais e literárias nas quais surgiu tal discussão.

Para tanto, tomaremos a liberdade de seguir um caminho não tão corrente, destacando o caldo político-cultural latino-americano do qual Mariátegui partiu, conectando seus estudos e suas disputas políticas às discussões que anos antes já haviam sido lançadas por outros, dando, nesse caminho, atenção especial para a forma através da qual encarava o tema a partir de suas análises literárias.

Se acaso se aceita a caracterização de original, usualmente feita às conclusões as quais chega o marxista peruano, convém destacar que os questionamentos dos quais partia já haviam sido semeados por uma geração precedente. Nesse sentido, é sugestiva uma passagem de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, sua *magnum opus*, na qual, ao comentar a literatura indianista daquele momento e explicar o porquê de ela ainda não haver produzido sua obra-prima, o autor afirmaria que:

Obra-prima não floresce a não ser em um terreno já muito adubado por uma multidão anônima e obscura de obras medíocres. O artista genial não é geralmente um princípio, e sim uma conclusão. Aparece, normalmente, como o resultado de uma vasta experiência (MARIÁTEGUI, 2010, p. 312).

Seguindo essa perspectiva já apontada pelo peruano em seus estudos, encarregar-nos-emos justamente de articular a obra-prima do artista genial com a vasta experiência que o antecedeu e da qual resulta. Levando-se em consideração esse debate, poderemos ter clareza da origem das questões das quais partiu, mensurando seu pioneirismo na forma encontrada de superar as respostas até então apresentadas para os problemas já colocados.

2 A HORA LATINO-AMERICANA

Durante as duas últimas décadas do século XIX e os primeiros lustros do século XX, surgiam na América Latina os primeiros traços de um pensamento social que, ainda que de maneira heterogênea, começava a apontar para importantes questões, como a necessidade de romper com a influência estrangeira entre a intelectualidade, a discussão acerca da dominação imperialista, a necessidade do estudo das particularidades nacionais e de uma cooperação entre as diversas nações que compunham a América Latina.

O cenário histórico em que surgem é marcado por um período de frustração política. Tendo já clara a impossibilidade de concretização de um projeto nacional para os países latino-americanos calcados nos ideais de soberania e independência tais como sustentados pelas correntes mais radicais do pensamento independentista de princípios do XIX, o continente findava o século passando do domínio inglês para o norte-americano, tendo a vitória dos EUA na guerra Hispano-Americana, em 1898, como um momento chave desse período.

Possivelmente, uma das obras que mais expressam esse período e a que mais ressonou no ambiente latino naquele momento foi o clássico *Ariel*, escrito em 1900 pelo uruguaio José E. Rodó (1872-1917). O título do livro já traz uma clara alusão a um dos personagens de uma das últimas obras de Shakespeare. A obra escolhida por Rodó para dar nome ao seu livro não poderia ser mais sugestiva para retratar a América Latina. *A Tempestade* se passa em uma ilha cuja localização não nos é dada de maneira exata. Nela, atraca Próspero, homem sábio, de grande devoção aos livros, que com sua filha ali se estabelece, tendo como uma de suas primeiras iniciativas escravizar Caliban, natural da ilha e, até então, seu dono. Caliban, contrastando com Ariel, é apresentado ao leitor como o torpe selvagem, deformado, desprovido de qualquer qualidade digna da apreciação de Próspero. Enquanto Ariel aparece pela primeira vez na história chamando Próspero de “meu poderoso senhor”, Caliban entra em cena para praguejar contra ele e acusá-lo de roubar sua ilha em uma das passagens que seria a mais famosa dessa obra, onde o colonizado se coloca na condição de aprender a língua do colonizador apenas para fazer-se entender em suas ofensas (SHAKESPEARE, 1965 [1610 – 1611]).

Porém, ainda que traga Ariel por título, a obra do escritor uruguaio é uma espécie de resposta a uma outra obra, esta já de conteúdo claramente filosófico, escrita por Ernest Renan em 1878, intitulada *Caliban, suite de la tempête [Caliban, depois da tempestade]*. Aqui, Caliban consegue destronar Próspero e chegar ao poder, ainda que a corrupção e a inaptidão o impeçam de permanecer no posto. Já o primeiro, negando-se a concordar com o triunfo de Caliban, mantém a contraposição entre as figuras de Ariel e Caliban: de um lado o império da razão, a espiritualidade; do outro, a sensualidade, a torpeza. A obra de Rodó é um grito contra o utilitarismo, a educação subordinada a um fim exclusivamente utilitário. A esta, o escritor opõe o que chama de concepção racional, fundada no livre e harmonioso desenvolvimento da natureza humana, como identificada na Grécia clássica.

Para Rodó, a expressão máxima do utilitarismo estaria representada pelos Estados Unidos. Segundo ele, em termos civilizatórios, essa concepção significaria uma diminuição moral, que já afetava diversos países na América Latina. O autor critica abertamente aquilo que

chama de “nordomanía”, ou imitação do americanismo. Impossível deixar de perceber nessa obra uma concepção aristocrática, em que, frente à expansão do utilitarismo norte-americano, seu ideário de latinização (que em nenhum momento do livro deixa claramente explicitado), incorre, em diversos momentos, em uma defesa da educação e da formação de uma aristocracia letrada como um freio à barbárie das multidões (RODÓ, s/d).

Esse mesmo sentido que circundava a obra de Rodó aparece em outros clássicos do pensamento latino-americano no período, não se limitando somente a uma determinada área do conhecimento, mas chegando a campos como a literatura, por exemplo. O nicaraguense Rubén Darío (1867-1916), um dos maiores representantes do modernismo latino-americano, também dedicou alguns versos à denúncia da interferência norte-americana na América Latina. Pouco tempo após a derrota espanhola na Guerra Hispano-Americana, Darío, na mesma perspectiva de Rodó, denunciava *El triunfo de Calibán*, a quem chamava de “inimigos”, “bárbaros”, “aborrecedores do sangue latino”.

No, no puedo, no quiero estar de parte de esos búfalos de dientes de plata. Son enemigos míos, son los aborrecedores de la sangre latina, son los Bárbaros. Así se estremece hoy todo noble corazón, así protesta todo digno hombre que algo conserve de la leche de la Loba. (...) No, no puedo estar de parte de ellos, no puedo estar por el triunfo de Calibán (DARIO, 2003).

O ideal de Caliban, para Darío, estava expresso nas fábricas, nos bancos, na bolsa de valores, no dólar, elementos estes que via triunfar e alastrar-se por toda a América Latina no início do século XX. Perante a gula do Norte, o autor conclamava a defesa incitando à União Latina, que englobaria não somente as nações latino-americanas, mas também os países europeus de língua latina. Darío ainda voltaria ao tema em seus poemas, como, por exemplo, ao escrever *A Roosevelt*, então presidente dos EUA. Nesse famoso poema, essa discussão ganha destaque tanto pela maneira como apresenta a América Latina, quanto pela esperança de uma resistência perante as ofensivas do Norte. Como fica claro nos versos selecionados abaixo.

Eres los Estados Unidos,
eres el futuro invasor
de la América ingenua que tiene sangre indígena,
que aún reza a Jesucristo y aún habla en español.
(...)
Mas la América nuestra, que tenía poetas
desde los viejos tiempos de Netzahualcoyotl,
que ha guardado las huellas de los pies del gran Baco,
que el alfabeto pánico aprendió;
(...)

Se necesitaría, Roosevelt, ser por Dios mismo,
el Riflero terrible y el fuerte Cazador,
para poder tenernos en vuestras férreas garras.
Y, pues contáis con todo, falta una cosa: ¡Dios!
(DARIO, 1981).

A Guerra Hispano-Americana marcou diversos autores da época. Em muitos casos, o temor da vitória norte-americana acabaria por gerar uma aproximação entre intelectuais latino-americanos e espanhóis, o que já se ensaiava na tentativa de alguns autores de se reunirem em torno daquilo que denominariam pensamento hispano-americano. Analisando a relação entre a intelectualidade da Espanha e da América Hispânica pós 1898, Capelato (2003) afirmava que o evento serviu ao mesmo tempo para uma aproximação entre eles, assim como para o fortalecimento, em alguns casos, de um discurso de exaltação nacionalista de cunho conservador e antidemocrático, ambos abrigados sob a ideia de *hispanidad*². Nesse caso, o clima cultural seria marcado pela defesa de uma suposta latinidade, que unificaria os países de tradição latina frente à imagem negativa que se começava a desenhar dos EUA, ainda que isso remetesse a um sentimento nostálgico e aristocrático. Contudo, essa geração de intelectuais era composta por autores extremamente heterogêneos, tendo muitos deles apresentando novos elementos às proposições de Darío e Rodó.

Entre esses autores, aquele que possivelmente podemos indicar não somente como seu precursor, mas também como aquele que conseguiu expressar com maior nitidez esse pensamento crítico em sua vertente anti-imperialista foi o cubano José Martí (1853-1895). Em seu discurso no Congresso Internacional de Washington, ainda em 1889, Martí, que nessa altura era uma das principais figuras no movimento de independência cubana, já apontava para o novo perigo que via surgir.

Da tirania da Espanha soube salvar-se a América espanhola; e agora, depois de ver com criterioso olhar os antecedentes, causas e fatores do convite, urge dizer, porque é a verdade, que chegou para a América espanhola a hora de declarar sua segunda independência (MARTÍ, 1991, p. 170).

² Sobre o conceito de “hispanidad”, ver GOUVEIA (2015) onde a autora analisa tanto sua relação com a derrota espanhola de 1898 quanto os distintos significados a ele atribuídos naquele período, nem sempre vinculados a noções conservadoras a antidemocráticas. Dentre os autores dessa geração, destaca-se a figura de Miguel de Unamuno, também comentado por Mariátegui.

A segunda independência defendida pelo autor passaria, como na solução apontada por Rodó, nem pela exaltação da cultura clássica, nem por uma visão societária aristocrática. No que concerne a esse ponto, Martí tampouco media palavras.

A universidade europeia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; pois não há pátria na qual o homem possa ter mais orgulho do que em nossas doloridas repúblicas americanas (MARTÍ, 1991, p. 196).

Nesse mesmo texto de 1891, Martí já alertava que o desprezo dos EUA em relação à América Latina constituía o maior perigo no momento. É essa mesma preocupação que expõe quatro anos depois, em uma de suas últimas correspondências, poucos dias antes de morrer, onde deixa claro que seu “duplo objetivo” era conquistar a independência de Cuba e impedir que os EUA alastrassem seu domínio sobre a América Latina.

De Martí até Mariátegui, o pensamento crítico latino-americano vai ganhando corpo no decorrer das primeiras décadas do século XX, passando por Cuba, Nicarágua, Uruguai, até atravessar a bacia do Prata e encontrar ali um de seus principais representantes. Ainda sob o efeito da intervenção norte-americana em Cuba, em 1901, o argentino Manuel Ugarte (1875-1951) escrevia *El peligro yanqui*, já usando aqui também o termo imperialismo para se referir ao novo tipo de invasão americana, marcada não somente pela intervenção militar direta, mas também pela “paulatina invasão comercial e moral”.(UGARTE, S/d, p. 65). Frente a esse perigo, o autor conclamava as nações latino-americanas a sua unidade, assim como, frente ao assédio dos EUA, pregava a defesa do uso do capital proveniente da Europa, uma vez que, em sua concepção, isso não representaria nenhum antagonismo aos interesses latino-americanos. Ainda assim, Ugarte é um dos primeiros autores a conectar a necessidade de estreita vinculação da luta anti-imperialista ao socialismo, ainda que sua concepção de socialismo fosse bastante incipiente, tendo como referência algumas das principais figuras da social-democracia francesa de finais do século XIX.

Ugarte, tal qual Rodó e Darío, era igualmente influenciado pelo clima gerado após a Guerra Hispano-Americana. Esse grupo de autores, assim como a de outros que surgiam nesse período, costuma-se denominar como *generación del 900*, que seria definida por Ugarte da seguinte maneira:

Componíamos una orquesta exótica, dentro de la cual cada uno tocaba un instrumento, importante, secundario o accesorio. Unos cultivaban este género. Otros, aquél. Tan diversas eran las aptitudes como derroteros. Pero obedecíamos a un ritmo, a una inspiración general. Representábamos un movimiento. Pensábamos en generación (UGARTE, s/d, p. 295).

3 MARIÁTEGUI E A INTELLECTUALIDADE PERUANA

Essa exótica orquestra encontrou no Peru, país de Mariátegui, quem a compusesse tocando em tons variados. Essa geração, também chamada de *arielista*, em uma clara referência ao livro de Rodó, encontrou no círculo intelectual da Universidade de San Marcos um fértil ambiente para se desenvolver. Entretanto, ao contrário dos outros autores supracitados, que sofreram influências de Rodó no que diz respeito à crítica aos EUA, estes autores peruanos teriam sua formação marcada pelos aspectos aristocráticos e idealistas de *Ariel*, caracterizando-se, assim, no Peru, o arielismo como uma geração conservadora.

Ao mesmo tempo em que chegavam tais influências na intelectualidade peruana, conjuntamente o país também era marcado por um forte sentimento de frustração nacional com a derrota do Peru na Guerra do Pacífico, que significou a perda de consideráveis territórios economicamente estratégicos, além de uma clara demonstração da inferioridade e do atraso do desenvolvimento peruano em relação aos seus próprios países vizinhos.

A prostração gerada após a derrota marcaria todos esses autores no sentido de um sentimento comum de construir uma verdadeira nação, ainda que as proposições políticas para tanto não fossem idênticas. Ao lado do sentimento de derrota e da necessidade dessa intelectualidade de expressar suas angústias, a sociedade peruana daquele momento passava por importantes transformações que permitiram a maior circulação de ideias. Destaca-se a aproximação feita pelo presidente Augusto B. Leguía em relação aos intelectuais nos primeiros anos de seu governo, que contribuiu para a multiplicação do número de publicações no país. Entre os anos de 1918 e 1928, o número de revistas e jornais publicados no país saltou de 167 para 473, sendo a maior parte dessas publicações de caráter político ou literário, entre as quais sobressai *Amauta*, Revista editada por de Mariátegui³.

³Para uma análise mais detalhada das revistas peruanas desse período ver Alvarado (2010).

Certamente, foi essa forma de recepção idealista e aristocrática de Ariel no Peru que levou Mariátegui a rechaçar a obra de Rodó. O autor peruano, que já se declarara marxista convicto e confesso, havia iniciado o trabalho de construção de um partido revolucionário e pregava abertamente o caráter socialista da revista que fundara dois anos antes, negava-se a contrapor aos EUA “imperialista e plutocrático” uma união dos países latino-americanos baseada em valores etéreos como a noção de latinidade.

Es ridículo hablar todavía del contraste entre una América sajona materialista y una América latina idealista, entre una Roma Rubia y una Grecia pálida. Todos estos son tópicos irremisiblemente desacreditados. El mito de Rodó no obra ya - no ha obrado nunca - útil y fecundamente sobre las almas. Descartemos, inexorablemente, todas estas caricaturas y simulacros de ideologías y hagamos las cuentas, seria y francamente, con la realidad (MARIÁTEGUI, 1974, p. 248).

Esse sentimento de fazer um acerto de contas com a geração antecessora foi uma das marcas da intelectualidade peruana dos anos 1920. Em que pesem as diferenças entre esses autores, o rechaço à intelectualidade tradicional peruana foi um elemento forjador de unidade entre eles, chegando esse acerto de contas, em alguns momentos, a estimular uma negação de tudo que veio antes, como foi o caso de Haya de la Torre quando afirmou que sua geração não teve professores. Ainda assim, essa nova geração possuía alguns elementos em comum para além dessa questão.

Burga e Galindo, por exemplo, ressaltam o fato de quase todos eles serem originários de províncias peruanas - Basadre (Tacna); Vallejo (La Libertad); Valdelomar (Ica), Haya de la Torre (La Libertad), Mariátegui (Moquegua) - um elemento fundamental em um país onde toda a vida política e intelectual até então era centralizada em Lima (BURGA; GALINDO, 1991, p. 254). Germaná, por sua vez, destaca três elementos que, independentemente da posição que poderia possuir cada autor, constituíam elemento comum a todos eles: 1) a preocupação em conhecer a realidade peruana; 2) o internacionalismo, associando a realidade peruana às transformações em curso em todo o mundo; 3) e, unificando os dois anteriores, a vontade de criar um “Peru novo dentro de um mundo novo” (GERMANÁ, 1998, p.119). Ademais, se a geração anterior produzia dentro dos muros universitários, esses novos intelectuais, aliados desse espaço, escreviam nas novas revistas⁴ e jornais que surgiam naquele período, de modo que o antiacademicismo foi mais uma das marcas dessa nova geração, chegando o próprio

⁴ Os autores dessa nova geração mencionados foram colaboradores assíduos de *Amauta*, revista organizada por Mariátegui. Ao fazermos referência aos artigos publicados em *Amauta* e seus colaboradores, será com base no estudo de Alberto Tauro (1994).

Mariátegui a reconhecer sua produção não somente como extra-universitária, mas também como anti-universitária.

Já entre os expoentes da geração arielista podemos elencar os nomes de Francisco García Calderón, José de Riva-Agüero e Victor Andrés Belaúnde, que não por acaso fazem parte dos autores diretamente tratados por Mariátegui em suas obras. Liderando essa geração em sua vertente liberal, Francisco García Calderón publica na França, em 1907, um livro que é considerado por muitos estudiosos da história das ideias políticas do Peru como uma das primeiras tentativas de estabelecer uma análise sistemática sobre a sociedade peruana. Em *Le Pérou Contemporaine*, lido não somente pela intelectualidade peruana – que só teve acesso a uma versão integral em espanhol na década de 1980 -, mas também por autores de grande reconhecimento no cenário europeu, Calderón creditava a derrota e a inferioridade peruana na Guerra do Pacífico à falta de uma classe dirigente ilustrada, que entendesse a necessidade de reformar o país e de modernizá-lo para o progresso.

Um atento historiador peruano como Alberto Flores Galindo reconheceria essa obra como a primeira tentativa moderna de oferecer uma visão que se pretendia global do Peru (GALINDO, 1996, p. 35). Mariátegui o reconhece como o autor mais realista de sua geração, como aquele que trabalhou no sentido de buscar as raízes históricas da formação da sociedade peruana e de apontar alternativas para seu desenvolvimento. Entretanto, afirma que sua vinculação política ao civilismo⁵ o impedia de realizar uma análise verdadeiramente profunda da realidade do Peru, acusando-o de se limitar a defender o governo de uma oligarquia ilustrada e prática, constatando a existência de forças de progresso no país (MARIÁTEGUI, 2008, p. 72).

4 CRÍTICA LITERÁRIA E QUESTÃO NACIONAL

Desses três autores, aquele de quem Mariátegui mais escreveu a respeito foi Riva-Agüero, considerado por ele como o maior representante de uma tendência literária que ficaria conhecida no Peru como futurista. O marxista latino-americano, ao analisar o futurismo peruano e inseri-lo em seu contexto social, caracterizava-o como a milícia intelectual do civilismo,

⁵ Por civilismo entende-se o período compreendido entre os anos de 1895 e 1919, no qual o país foi governado por presidentes oriundos do Partido Civil, marcando a quebra do controle presidencial pelo Partido Constitucionalista. Esse período também ficaria conhecido como o período da “República Aristocrática”.

elemento fundamental para que, em um momento de descontentamento social após a derrota de uma guerra, pudesse consolidar sua dominação através do domínio intelectual.

Antes de Riva-Agüero escrever *La Historia en el Peru* (1910), sua obra de caráter mais claramente histórico, já havia produzido uma obra intitulada *Caráter de la Literatura del Perú independiente*, e era nesse campo da discussão literária que o Amauta centrava suas críticas ao autor. Mariátegui encarava o futurismo encarnado por Riva-Agüero, ao contrário do que o nome sugere, como uma reação ao romantismo. Enquanto este último condenava radicalmente o presente em nome do passado ou do futuro, o futurismo de Riva-Agüero defendia o presente, ainda que para isso evocasse o passado para justificá-lo. Sendo mais incisivo, afirma que “caracterizam-se, espiritual e ideologicamente, por um conservadorismo positivista, por um tradicionalismo oportunista” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 293).

Ao voltar-se para o passado, Riva-Agüero encontrava no vice-reinado aquilo de que precisava para construir sua ideia de nação, que seria uma das principais marcas do futurismo e um dos pontos de aproximação desses autores com a Espanha. A estrutura social colonial era perfeitamente compatível com o conservadorismo de Riva-Agüero. Mariátegui, ao criticá-lo, dizia que sua obra não era unicamente uma peça literária, mas, sobretudo, uma reivindicação política, uma defesa de certo posicionamento de classe, ainda que ele a negasse. Riva-Agüero pertencia a um momento de transição política e econômica no Peru, em que o país, há poucos anos independente, via ocorrer entre a elite aquilo que Mariátegui em outra obra chamaria de “metamorfose ridícula da antiga aristocracia latifundiária em burguesia liberal”, sendo ele o responsável por realizar esse trânsito no campo literário.

À não confessa parcialidade civilista de Riva-Agüero, Mariátegui contrapunha sua explícita parcialidade socialista, não dissociando sua concepção estética de suas crenças políticas, morais e religiosas. As duras críticas a Riva-Agüero se referiam tanto dele caracterizar-se como a maior representação da literatura oficial peruana no momento, quanto pelo fato de sintetizar justamente o que o marxista enxergava como o maior problema da literatura peruana até então: sua falta de raízes.

Ainda que tanto os futuristas quanto as outras tendências literárias no país buscassem refúgio e inspiração no passado, todas elas falhariam por não serem capazes de encontrar as verdadeiras raízes. A verdadeira seiva peruana da qual a literatura deveria nutrir-se não era a colônia ou a conquista, mas sim a cultura indígena. Nesse sentido, a postura dos autores não poderia ser mais antagônica:

O sistema que, para americanizar a literatura, remonta até os tempos anteriores à conquista, e trata de fazer viver poeticamente as civilizações quéchua e asteca, as ideias e os sentimentos dos aborígenes, me parece o mais estreito e infecundo. Não deve ser chamado de americanismo e sim de exotismo (RIVA-AGUERO *apud* MARIÁTEGUI, 2010, p. 232).

O trabalho de crítico literário foi uma atividade que acompanhou o marxista peruano por toda a sua vida, sendo antes mesmo de sua viagem à Europa já conhecido nos círculos literários de Lima. A afeição pela literatura nota-se no fato de o ensaio destinado ao estudo da literatura peruana ser o maior entre todos que compõem os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. A associação por ele feita entre política e literatura em Riva-Agüero mostra a maneira intrínseca adotada pelo autor de associar esses dois fenômenos. Sobre a relação de suas concepções estética e política, Mariátegui afirmava que:

Mas isso não quer dizer que considero o fenômeno literário ou artístico de pontos de vistas extraestéticos, mas sim que minha concepção estética é unânime, na intimidade da minha consciência, com minhas concepções morais, políticas e religiosas e que, sem deixar de ser concepção estritamente estética, não pode operar independente ou diversamente (MARIÁTEGUI, 2010, p. 223).

Nessa seção de sua obra-mestra, muito mais do que a análise literária das tendências peruanas, o que sobressai é um balanço sobre seus momentos políticos mais marcantes e seus expoentes intelectuais. O próprio título do ensaio dedicado à literatura, *El proceso de la literatura*, trazia a palavra “processo” não no sentido de ressaltar a formação da literatura peruana, mas em sua acepção jurídica: um ajuizamento. Mariátegui não estava somente a par de toda a produção literária peruana, o período de vivência na Itália (1919 – 1923) também lhe possibilitou ter acesso ao que de mais avançado havia em termos de crítica literária. Ao analisar a literatura de seu país, tomava os devidos cuidados de não repetir uma tipificação existente nos estudos literários que a separava entre classicismo, romantismo e modernismo, ou entre antigo, medieval e moderno. Nesse mesmo sentido, também criticava uma vertente marxista que insistia em dividir a literatura entre feudal, burguesa e proletária, assinalando o fato de tal divisão não se adequar à realidade peruana, mostrando, assim, que também não estava disposto a incorporar fórmulas reducionistas existentes na tradição marxista em seus estudos, característica que não se reduz somente à sua crítica literária, mas que abrange toda sua produção intelectual e política.

Com base em críticos como Francesco De Sanctis, que analisava a literatura em sua articulação com o período da unificação nacional italiana, influência essa que também consta

nas análises literárias de Antonio Gramsci, Mariátegui distinguia a literatura em três períodos: colonial, cosmopolita e nacional. O caráter colonial da literatura peruana não era marcado apenas pela dominação imposta pela Espanha e na relação de dependência daí criada, pois, restringindo-se somente a esses aspectos, era de supor que ela cessaria ao chegar à Independência formal. Para o autor, tal caráter estaria arraigado na visão de mundo da intelectualidade peruana. O sentimento aristocrático, a nostalgia do período colonial e o traço claramente conservador marcariam esse momento da literatura peruana, que ainda se estenderia até o período da vida de Mariátegui.

Sendo assim, ainda que escrita na Colônia, a literatura daquela época não era peruana, mas espanhola, uma vez que conservava seus principais traços. A debilidade da literatura peruana não vinha da incompetência de seus expoentes, mas sim do substrato social da qual emergia. Ao analisar o surgimento das literaturas nacionais na Europa, Mariátegui o relacionava à formação dos Estados modernos. O Peru seria um exemplo clássico de nação inconclusa; uma vez que em seu processo de formação não incorporou os elementos verdadeiramente nacionais, os indígenas, sua literatura não poderia fugir a contingência histórica à qual estava submetida. De maneira rotunda, afirmava:

A literatura de um povo se alimenta e se apoia em seu substrato econômico e político. Em um país dominado pelos descendentes dos *encomenderos* e ouvidores do vice-reinado, nada era mais natural, por conseguinte, que a serenata sob seus balcões. A autoridade da casta feudal repousava em parte sobre o prestígio do vice-reinado. Os literatos medíocres de uma república que se sentia herdeira da conquista não podiam fazer outra coisa senão trabalhar pelo lustre e pelo brilho dos brasões vice-reais. Apenas os temperamentos superiores – percussores sempre, em todos os povos e todos os climas, das coisas do futuro – eram capazes de se subtrair dessa fatalidade histórica, demasiado imperiosa para os clientes da classe latifundiária (Idem, *Ibidem*, p. 231).

Assim, Mariátegui, ao tratar da possibilidade da independência - movimento que caracterizou como uma revolução - trazer uma literatura de outro tipo, assevera que ela não poderia expressar uma mentalidade diferente caso não estivesse calcada no surgimento de uma classe dirigente que rompesse com os laços coloniais, o que, segundo o autor, foi o caso de seu país natal, em que a emancipação política em relação a Espanha não significou a aparição de uma burguesia dirigente mais ou menos sólida (Idem, *ibidem*, p. 237).

Com tal leitura, Mariátegui aproxima-se muito de Martí, quando este afirmava que só seria imortal nas Américas o escritor que refletisse acerca das condições múltiplas e confusas da época, assim como não existiriam letras, que são a expressão, enquanto não houvesse essência para nelas se exprimir, nem literatura hispano-americana enquanto não existisse

Hispano-América (MARTÍ, 1991, p. 65). Nesse sentido, para Mariátegui também não poderia haver literatura peruana.

De certa forma, o peruano também estava muito perto de Gramsci quando este dizia que na Itália, ao contrário da França, por exemplo, ainda não havia se concretizado a unidade entre nação e povo, entre o nacional e o popular. Tal circunstância, na literatura, estava expressa no fato de o público italiano não ler a própria literatura italiana, ainda que fosse leitor da literatura francesa. O questionamento do porquê de o público italiano não ler a literatura produzida em seu próprio país permeia grande parte da reflexão de Gramsci acerca desse tema, e, pela resposta encontrada ao problema, pode-se dizer que é um ponto de reflexão comum a grande parte dos *Cadernos do Cárcere*. Para Gramsci, tal fato se devia, sobretudo, a uma intelectualidade afastada do povo, alheia aos sentimentos da massa, que gerava uma literatura que, pelo fato de não ser popular, também não alcançava ser nacional. Essa questão estaria, do mesmo modo, diretamente associada à maneira como foi operado o processo de formação do Estado italiano, pelo alto, através da revolução passiva, com o afastamento das massas camponesas.

O que significa o fato de que o povo italiano lê preferencialmente os escritores estrangeiros? Significa que ele sofre a hegemonia intelectual e moral dos intelectuais estrangeiros, que se sente mais ligado aos intelectuais estrangeiros do que aos 'patricios', isto é, que não existe no país um bloco nacional intelectual e moral, nem hierárquico nem (muito menos) igualitário. Os intelectuais não saem do povo, ainda que acidentalmente algum deles seja de origem popular; não se sentem ligados ao povo (à parte a retórica), não o conhecem e não sentem suas necessidades, suas aspirações e seus sentimentos difusos (GRAMSCI, 2002, p. 42).

Mariátegui afirmava claramente que para forjar uma literatura genuinamente nacional o primeiro passo seria aquele que expressasse os sentimentos e anseios da grande massa da população peruana, segmento social que à época correspondia a 4/5 dos peruanos: os indígenas.

5 LITERATURA E POLÍTICA

Era com essa perspectiva de abarcar o fenômeno literário a partir de suas relações políticas através das particularidades da formação nacional peruana que, dos onze autores abordados individualmente no capítulo destinado ao estudo da literatura em *Sete Ensaio...*, há dois pelos quais Mariátegui demonstra uma identificação visível: González Prada e César Vallejo.

Mariátegui considerava González Prada uma das figuras mais destacadas do Peru independente, como o precursor da transição do período colonial para o período cosmopolita. Em sua principal obra, inicia a seção destinada a discutir a obra de González Prada rebatendo uma acusação levantada por Ventura García Calderón (irmão de Francisco García Calderón), e que ganhava alguma aceitação pela intelectualidade peruana no momento, de que Prada seria o menos peruano entre todos os literatos do país.

Mariátegui alertava para o fato de que Prada escrevia no momento em que a “peruanidade” ainda estava em formação. Contudo, o simples fato de desafinar o coro vindo da San Marcos e afastar-se da tradição colonial da literatura permitia que sua literatura anunciasse uma outra genuinamente peruana. Foi em González Prada que a literatura peruana passou a receber influência de diversas outras, interrompendo o ciclo de exclusividade espanhola. O autor cita uma passagem de *Páginas Libres*, em que Prada expressa essa necessidade de maneira clara:

Abandonemos as andadeiras da infância e busquemos em outras literaturas novos elementos e novos impulsos. Preferimos o espírito livre e democrático do século ao espírito das nações ultramontanas e monárquicas. Voltemos os olhos aos autores castelhanos, estudemos suas obras-mestras, enriqueçamos sua linguagem harmoniosa, mas lembremo-nos constantemente de que a dependência intelectual da Espanha significaria uma definida prolongação da infância para nós (GONZÁLEZ PRADA *apud* MARIÁTEGUI, 2010, p.244).

Para o marxista peruano, Prada distinguia-se dos demais autores de sua época, tais como Francisco García Calderón e Riva-Agüero. Enquanto os últimos aderiam fervorosamente ao pensamento conservador, portando-se como verdadeiros ideólogos da elite civilista, Prada afiliava-se a um pensamento revolucionário, demonstrando um anseio de justiça. Prada criticava a intelectualidade peruana por seu comportamento excessivamente acadêmico, por se abster das grandes questões sociais em nome de uma pretensa imparcialidade.

El librepensador que llamándose a la neutralidad política, ve con indiferencia las iniquidades y los derroches de un gobierno tiránico, nos parece tan censurable como el estadista que, alegando la neutralidad religiosa, presencia con olímpica serenidad el predominio del clero y la difusión de las ideas ultramontanas. El librepensamiento no debe renunciar a la política por una razón: los políticos no se olvidan de los librepensadores. Todo político de mala ley presiente un adversario en todo pensador de tendencia irreligiosa, presentimiento muy racional, pues quien hoy se subleva contra las autoridades que presumen bajar del cielo, mañana suele revelarse contra los déspotas que surgen de la Tierra.” (GONZÁLEZ PRADA: 1964, p. 44).

Ainda que Prada incitasse correntemente à ação, Mariátegui afirmava que ele não era um homem de ação, mas sim de verbo, pois lhe faltavam características fundamentais de um realizador e organizador. Era nesse sentido que alegava que os estudos de Prada ainda careciam de maior profundidade nas análises econômicas e políticas, cabendo às gerações seguintes completar essa tarefa. Portanto, não seria mera coincidência ele próprio começar os *Sete Ensaíos...* com uma análise econômica do Peru. Estava ele, de certa forma, continuando a obra de González Prada.

Ainda que Mariátegui possuísse alguns pontos de divergência em relação a Prada, em especial na questão do forte anticlericalismo do último, sinalizava a necessidade de buscar seu verdadeiro valor não em seu anticlericalismo, mas em sua “crença de justiça”. Ao fazer alusão a esse senso de justiça, o autor seguramente pensava, sobretudo, na relação estabelecida entre Prada e os indígenas. Se condenava Riva-Agüero por repudiar as tentativas de encontrar no passado incaico as raízes peruanas, valorizava Prada por justamente fazer o inverso. Em um momento em que predominavam as análises nas quais o índio era julgado como raça inferior, Prada divergia diretamente dessas tendências, evidenciando, inclusive, conhecimento da então sociologia em voga, dialogando diretamente com Gustave Le Bon e defendendo a ineficácia da divisão da humanidade em raças.

Enquanto a intelectualidade peruana defendia a inferioridade racial do índio, Prada sustentava que, ao ser educado, ele poderia chegar ao mesmo nível cultural e moral que o descendente espanhol. Ainda assim, não era vítima da mesma ingenuidade, apontada por Mariátegui, presente em diversos autores peruanos, que fazia com que se encarasse a marginalidade indígena como algo meramente pedagógico. Nesse ponto, podemos perceber claramente a influência de Prada em Mariátegui, ao afirmar que “a questão do índio, mais do que pedagógica, é econômica, é social”, frase que seria retomada e aprofundada pelo marxista décadas mais tarde (PRADA, 1964, p.212). Dessa forma, pode-se perceber que tanto as críticas feitas por González Prada ao forte arraigo da intelectualidade peruana ao período colonial, quanto o destaque dado ao índio no processo de formação histórico-cultural do Peru coincidiam com os dois elementos fundamentais apontados pelo Amauta para a formação de uma literatura nacional.

Analisando as vanguardas estético-literárias na América Latina entre finais do século XIX e início do XX, Fernanda Beigel, em sua obra *El itinerario y la brújula: el vanguardismo estético político de José Carlos Mariátegui*, afirma que há uma modernização literária tanto na poesia quanto na escrita, que foi fruto do momento político da época. Trabalhando com muitos

dos autores supracitados, como Darío, Martí e González Prada, a autora ressalta que, ao contrário da tese defendida por alguns de uma suposta fuga esteticista, esses autores recorriam às letras uma vez que viam, diante de si, fechados os canais tradicionais que poderiam utilizar para expressar suas inquietações, seja para realizar uma crítica radical de caráter anti-imperialista, seja para rechaçar o estilo de vida norte-americano com base em um espiritualismo abstrato, podendo chegar a posições retrógradas (BEIGEL, 2003, p.36).

No Peru em particular, o vanguardismo literário, estritamente associado ao momento político de inícios do século XX, buscou incorporar as reivindicações da massa indígena. Foi essa aproximação com a problemática das comunidades indígena-camponesas que permitiu o surgimento das primeiras expressões da literatura nacional no país. É nesse sentido que Mariátegui destacava a figura de César Vallejo que, para ele, seria a “alvorada da nova poesia no Peru”. A admiração pela poesia de Vallejo vinha da incorporação do sentimento indígena. Ainda assim, fazia questão de aclarar que essa incorporação não vinha da recorrência ao folclore ou ao exotismo, nem da mera utilização de palavras em quéchua ou do relato da condição indígena. O sentimento indígena em Vallejo estaria marcado, sobretudo, por sua atitude nostálgica.

Mariátegui, valendo-se dos estudos de Valcárcel, afirmava que uma das principais marcas do comportamento indígena era seu sentimento nostálgico. Não uma nostalgia no sentido retrospectivo de um saudosismo colonial, mas a nostalgia como um grito de protesto dos indígenas, como a expressão de seu sofrimento ao longo dos anos na história peruana. Nesse sentido, em suas obras abundam citações de trechos de poemas de Vallejo, todos eles retirados de dois dos seus principais livros, *Los Heraldos Negros* e *Trilce*. Ademais de expressar em sua arte o sentimento indígena, Vallejo inovava também na forma, sobretudo em *Trilce*. Mariátegui considerava esse aspecto como a inequívoca separação entre forma e conteúdo, uma vez que o sentimento indígena não poderia expressar-se nas tradicionais formas existentes até então na literatura peruana.

A nostalgia de Vallejo também se mesclava com o pessimismo indígena, mas um pessimismo diferente das tradições literárias anteriores. Alguns anos antes de escrever sobre Vallejo, Mariátegui já havia alertado para duas concepções distintas de pessimismo. O que parecia encontrar em Vallejo era a mesma atitude que afirmava ser característica dos revolucionários, o pessimismo em sua condenação do presente, ainda que a ele fosse somado o otimismo em relação ao futuro. “Pessimismo da realidade, otimismo do ideal”, fórmula que condensava Mariátegui em 1925, também muito próxima da que seria utilizada por Gramsci

(MARIÁTEGUI, 1959, p. 65). O pessimismo de Vallejo, para o marxista, apresentava-se cheio de ternura e caridade, diferentemente do pessimismo exclusivamente negativo, que se limitava a constatar a miséria das coisas com um gesto de impotência.

Essa postura, condizente com a orientação socialista de Vallejo, também permeava as análises de Mariátegui sobre a conjuntura política de sua época. Dezoito dias antes de morrer, o autor redigiu um texto em que afirmava existir uma inquietude própria de sua época, que seria uma expressão intelectual e sentimental da crise do capitalismo. Ainda que essa inquietude pudesse apresentar-se em sua forma reacionária, na tendência de se refugiar no passado, o revolucionário peruano orientava sua articulação política no sentido oposto, conectando os elementos de inquietude da época à necessidade de organização dos trabalhadores com vistas à edificação de uma sociedade socialista.

6 CONCLUSÃO

Levando-se em consideração o caldo político-cultural no qual Mariátegui se viu imerso em sua produção intelectual, pode-se perceber, através de seus estudos mais diretamente voltados ao campo da análise cultural e do debate intelectual do período, como o autor apontava para conclusões que em muito extrapolavam essas esferas. Como ele mesmo admitia, a unidade estética e política de seu pensamento pode ser notada ao longo de sua produção.

A forma como estudava a literatura peruana, negando-se a enquadrá-la em modelos já previamente elaborado alhures, estão em profunda consonância com as opções metodológicas em seu fecundo trabalho investigativo acerca da realidade peruana e em suas contendas políticas, o que pode ser sentido, respectivamente, em sua original leitura acerca da formação da sociedade peruana e nas polêmicas no plano político com Haya de la Torre e seu posicionamento no interior do movimento comunista, questões que em muito ultrapassam os objetivos do presente texto, mas que podem ser investigadas nessa mesma chave.

Ademais, é também na discussão elucidada no trabalho que se percebe a sutileza da mediação feita entre dois pólos que marcam a discussão intelectual daquele período, o nacional e o exótico, se quisermos usar termos próprios do vocabulário mariateguiano, ou, para nos referimos ao linguajar das ciências sociais, o universal e o particular.

Assim, espera-se que, através de suas análises mais diretamente vinculadas aos debates intelectuais, em especial ao tema literário, seja possível evidenciar esse aspecto fundante do autor e de parte de sua obra.

7 REFERÊNCIAS

ALVARADO, Osmar Gonzales. **Prensa escrita e intelectuales-periodistas 1895 – 1930**. Lima: Fondo Editorial Universidad San Martín de Porres, 2010.

BEIGEL, Fernanda. **El itinerario y la brújula: el vanguardismo estético político de José Carlos Mariátegui**. Buenos Aires: Biblos, 2003.

BURGA, Manuel; GALINDO, Alberto Flores. **Apogeo y Crisis de la Republica Aristocratica**. Lima: Fundación Andina, 1991.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica**. En: Revista Histórica volume 22 nº2: Franca, 2003. Versão Digital.

DARIO, Rubén. **El triunfo de Calibán**. Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponível em www.biblioteca.org.ar. Consultado em junho de 2018.

_____. **Antología poética**. Madrid: Edaf, 1981.

FUNES, Patricia. **Salvar la nación. Intelectuales, cultura, política en los años veinte latinoamericanos**. Buenos Aires: Prometeo: 2006.

GALINDO, Alberto Torres. **Tiempo de plagas**. Lima: Concytec, 1996.

GERMANÁ, César. El campo intelectual peruano de los años veinte y el proyecto creador de Amauta. In: **Amauta y su época**. Lima: Minerva, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Cadernos do cárcere V. O Risorgimento. Notas sobre a História da Itália**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GOUVEIA, Regiane. **Hispanidad e a fraternidade hispano-americana: debates raciais e guerra de 1898 na virada do século XIX para o XX**. En: Dimensões, v. 35, jul.-dez. 2015, p. 175-192.

HALE, Charles. As ideias políticas e sociais na América Latina 1870 - 1930. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina (volume IV)**. São Paulo: Edusp, 2001.

KLARÉN, Peter. Los orígenes del Perú moderno 1880 – 1930. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina (tomo 10)**. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

KLARÉN, Peter. **Nación y sociedad en la Historia del Perú**. Lima: IEP, 2012.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Ideología y política**. Lima: Amauta, 1974.

_____. **Peruanicemos al Perú**. Lima: Amauta, 2008.

_____. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Temas de nuestra América**. Lima: Amauta, 1980.

_____. **El alma matinal y otras estaciones del hombre hoy**. Lima: Amauta, 1959.

_____. **Mariátegui Total [Tomo I]**. Lima. Amauta, 1994.

MARTÍ, José. **Nossa América**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MELIS, Antonio. Mariátegui y la literatura italiana. In: MELIS, Antonio. **Leyendo Mariátegui 1977 - 1998**. Lima. Amauta, 1999.

PALACIOS, Alfredo. **A la juventud universitaria de iberoamérica**. Madrid: Historia Nueva, 1930.

PRADA, Manuel González. **Horas de lucha**. Lima: Fondo de cultura popular, 1964.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Para una teoría de la literatura hispano-americana**. Bogotá: Caro y cuervo, 1995.

_____. **Todo Caliban**. Buenos Aires: Clacso, 2004.

RODÓ, Jose Enrique. **Ariel**. Montevideo: Biblioteca José Enrique Rodó, s/d.

RUBBO, Deni Irineu Alfaro. **O labirinto periférico: José Carlos Mariátegui e sociologia crítica latino-americana**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2018. [Tese de Doutorado].

SHAKESPEARE, William. **A tempestade**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

TAURO, Alberto. Amauta y su influencia. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Mariátegui Total [tomo I]**. Lima: Amauta, 1994.

UGARTE, Manuel. **La nación latinoamericana**. S/d Disponível em: <http://www.elforjista.com/LaNacionLatinoamericana.pdf>. Consultado em outubro de 2018.

Recebido em: 16/10/2018

Aprovado em: 06/06/2019

Publicado em: 09/10/2019